



**Por uma Educomunicação Emergente para a
Decolonialidade¹**
For an Emerging Educommunication for Decoloniality

Rachel de Oliveira Carvalho²

Walcéa Barreto Alves³

Resumo: O presente artigo visa analisar a interface Educação e Comunicação, bem como as contribuições da Educomunicação para processos que dialoguem com a perspectiva da decolonialidade. Para atingir os objetivos propostos, esse trabalho se utilizou de pesquisa descritiva bem como de revisão bibliográfica e documental. Reitera-se que a pedagogia cultural (KELLNER, 2001) e a pedagogia do oprimido (FREIRE, 1998), assim como os outros aportes teóricos trabalhados nessa pesquisa, se apresentam como possibilidades profícuas para um repensar a função de práticas educacionais na escola. Favorecer o desenvolvimento de estudantes no que respeita às suas singularidades e propiciar a ampliação máxima das suas capacidades humanas, implica na construção de práticas cotidianas que tenham enquanto agenda valores como autonomia, criticidade e diálogo permeando todo o processo.

Palavras-chave: Educomunicação; Decolonialidade; Dialogicidade.

Abstract: This article aims to analyze the interface Education and Communication, as well as the contributions of Educommunication to processes that dialogue with the perspective of decoloniality. To achieve the proposed objectives, this work used

¹ Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

² Rachel de Oliveira Carvalho. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC) - Universidade Federal Fluminense, Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, Brasil, carvalhorachel75@gmail.com.

³ Walcéa Barreto Alves. Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC) - Faculdade de Educação - Universidade Federal Fluminense, Brasil, walcealves@iduff.br.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

descriptive research as well as bibliographic and documentary review. It is reiterated that cultural pedagogy (KELLNER, 2001) pedagogy of the oppressed (FREIRE, 1998), as well as the other theoretical contributions worked in this research, present themselves as fruitful possibilities for a rethinking of the function of educational practices in school. Favoring the development of students with regard to their singularities and providing the maximum expansion of their human capacities, implies the construction of daily practices that have as agenda values such as autonomy, criticality and dialogue permeating the whole process.

Keywords: Educommunication; Decoloniality; Dialogicity.

1. Introdução

A cotidianidade abrange o amplo espectro dos elementos que constituem os procedimentos da vida cotidiana. Na sociedade de consumo, a cotidianidade pode se fundir com significações que permeiam os conceitos de bem-estar material, produção de bens simbólicos ou mesmo desperdício. A vida ordinária e os procedimentos cotidianos, no entanto, não se apresentam de modo uniforme e linear. É necessário pensar a cotidianidade em relação ao imaginário social de cada povo: as riquezas estéticas que se traduzem nos ritmos, nas imagens e na fala. Mesmo que ocupem o mesmo espaço urbano, essas características fazem com que a vida cotidiana não seja igual para todos os grupos sociais (PEREIRA, 2007).

As formas na vida cotidiana têm a função de ligar os fatos sociais, através da sinergia ou das sinestésias produzidas por cada cidadão. Assim, os indivíduos geram fatos sociais, de acordo com a anomia estabelecida em cada momento sociocultural, e, ao mesmo tempo, reconhecem as alteridades de outras formas culturais. (PEREIRA, 2007, p.67).

Na complexidade da vida ordinária, nota-se que coexiste uma relação de forças e tensionamentos. Os micro-saberes são formas de organizações táteis, visuais e sensoriais que demarcam os territórios socioculturais nos quais o poder é exercido e não



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

determinam, necessariamente, uma ordem hierárquica. Logo, são anteriores a uma microfísica do poder⁴ (PEREIRA, 2007).

A colonialidade, como hoje é entendida, decorre de um processo de civilização euro-estadunidense, que vê, adjetiva e denomina o diferente como caótico, fluido, bárbaro, em que a visibilidade distorcida e/ou a invisibilidade de indivíduos é criada pelo outro imperial. Segundo Villanueva (2018),

ese entendimiento se ocupó de instalar un patrón ordenador que, aparte de jerarquizar los saberes em sujeción a las premisas de la ciencia positiva (*colonialidad del saber*) y em correspondência com la estratificación eurocéntrica de los pueblos (*colonialidad del ser*), definió asimismo un prototipo civilizatorio (*colonialidad del poder*). (VILLANUEVA, 2018, p.75).

Segundo Couldry e Mejias (2019), o colonialismo histórico se apropriou de terras, recursos e corpos e o novo colonialismo de hoje (a colonialidade) se apropria da vida humana, extraindo valor dos dados e informações, anexando a vida ao capitalismo. Sendo assim, o colonialismo de dados rompe a ecologia da vida humana, não por um propósito maior, mas para impulsionar o lucro. O colonialismo de dados parece tão necessário que as pessoas tendem a aceitar a ordem social datificada como algo dado e pré-estabelecido, para o qual não há solução possível. Isso implica a manutenção da desigualdade, a imposição de poderes e a difusão da crença de uma civilização hipertextual absorta pelo capitalismo financeiro.

Em Certeau (1998) vê-se que, na tessitura social do cotidiano, as estratégias, que são estruturas de ação e significação baseadas e definidas pelo poder hegemônico, advêm de um tipo específico de saber que busca perpetuar um lugar de dominação. Assim podem produzir, mapear e impor. Já as táticas emergem do homem ordinário, que pode apenas utilizar, manipular e alterar. As táticas têm que jogar com os acontecimentos para transformá-los em ocasiões. Deste modo, “tem que utilizar,

⁴ No livro intitulado “A Microfísica do Poder”, Michel Foucault desenvolve o conceito referenciado afirmando que as diversas formas de expressão de poder exercem controle sobre o sujeito.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas” (CERTEAU, 1998, p.101).

No entanto, nos pequenos espaços de liberdade cotidianos ocorrem as inversões discretas ou mesmo as vitórias invisíveis. A chamada ‘vulgarização’ de uma cultura representa um aspecto parcial do que as táticas podem fazer mediante o poder dominador da produção (CERTEAU, 1998).

A cultura da mídia é uma forma de estruturação, manejo e organização de símbolos culturais que desembocam em intencionalidades comerciais tendo, portanto, como pano de fundo a produção industrial e, conseqüentemente, a produção de capital. Segundo Kellner (2001), os produtos de mídia são mercadorias que buscam atrair o lucro privado para empresas acumuladoras de capital. A cultura da mídia move, de modo vibrante, o setor da economia, inclusive se constituindo como um dos ramos mais lucrativos, que está atingindo dimensões globais. “A cultura da mídia e a de consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes” (KELLNER, 2001, p.11).

Deste modo, se subsumida pelo processo globalizante atual, a cultura da mídia intensifica a perpetuação do pensamento hegemônico. No entanto, para Kellner (2001), este é um processo dialético. Na cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento representam uma pedagogia cultural: “a cultura veiculada pela mídia induz os indivíduos a conformar-se à organização vigente da sociedade, mas também lhes oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição a essa mesma sociedade” (KELLNER, 2001, p.12).

Sendo assim, negar a cultura das mídias não indica um ponto positivo para uma mudança. Ela pode se constituir veículo importante para disseminar valores outros oriundos de grupos subalternizados e invisibilizados e, até mesmo, potencializar o combate de preconceitos e atitudes antidemocráticas.

A cultura da mídia pode constituir um entrave para a democracia quando reproduz discursos reacionários, promovendo o racismo, o preconceito de sexo, idade, classe e outros, mas também pode



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

propiciar o avanço dos interesses dos grupos oprimidos quando ataca coisas como as formas de segregação racial ou sexual, ou quando, pelo menos, as enfraquece com representações mais positivas de raça e sexo. (KELLNER, 2001, p.13).

Diante do cenário atual, faz-se necessário a ruptura com a colonialidade do poder, do saber e do ser, tanto no campo da comunicação quanto no campo da educação para que possam emergir novas redes de conexões entre os cidadãos. Em Certeau (1998, p.41), vê-se que “procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los”. A disciplina, neste sentido, não pode estar separada da disciplina política, indispensável a processos de invenção do cotidiano, que se atrelam à criação e ao exercício da cidadania. Numa sociedade como a nossa, com tradições tão autoritárias e discriminatórias se observada da perspectiva do sexo, da raça e da classe, a cidadania é mesmo uma invenção, uma produção política. A disciplina não se faz no imobilismo, muito menos na autoridade que se demite em nome do respeito à liberdade (FREIRE, 2008).

Neste sentido, o exercício pleno da cidadania por quem sofre qualquer das discriminações ou todas a um só tempo não é algo de que usufruam como direito pacífico e reconhecido. Pelo contrário, é um direito a ser alcançado e cuja conquista faz crescer substantivamente a democracia. (FREIRE, 2008, p.119)

Kellner (2001) adverte que, além de ler a cultura no seu contexto sociopolítico e econômico, é preciso também ver como os componentes internos de seus textos codificam relações de poder e dominação, promovem os interesses dos grupos dominantes à custa de outros, para poder assim oporem-se às ideologias, instituições e práticas hegemônicas. “Dessa perspectiva, fazer crítica da ideologia implica criticar ideologias sexistas, heterossexistas e racistas tanto quanto a cultura ideológica de classe burguesa capitalista.” (KELLNER, 2001, p. 79).



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Nas palavras de Villanueva (2018, p.80), “La decolonización de la Comunicación supone un nuevo trayecto utopístico em lucha contra la segregación epistémica y cuyo propósito es restablecer la comunicación que humaniza”.

Neste sentido, a Pedagogia do Oprimido assinalada por Freire (1983), fornece um aporte fundamental e abre espaço para ampliação do debate, na tentativa de compreender a colonialidade do saber, do ser e do poder sob a ótica da libertação dos oprimidos rumo à humanização, a começar na escola.

A educação bancária, como bem assinala Freire (1983) caracteriza-se por ser opressora, alienante, subjugadora de subjetividades, reprodutora da superioridade racial e transmissora de conteúdos colonializantes. A escola, ao invés disso, deve ser um lócus privilegiado de integração de saberes, cultura e natureza contra a ação de colonizar. Para Freire (1983), o radical comprometido com a libertação

Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar. (FREIRE, 1983, p.24).

Para Freire (1983), a libertação autêntica dos homens é a humanização em processo e não uma coisa que se deposita nos homens. Não são palavras a mais, vazias e mitificantes. Implica, outrossim, na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para modificá-lo, ou seja, na práxis problematizadora.

A experiência do e no cotidiano, se alienada, se expõe aos fatos sem problematizá-lo. A rigorosidade metódica de afastar-se do objeto oferece um tipo de saber objetivado, em que a mente opera epistemologicamente, ou seja, indagadoramente. Para Freire (2008), é quando se toma distância do objeto que dele se aproxima. “Na cotidianidade nossa mente não opera epistemologicamente” (FREIRE, 2008, p.123). Deste modo, há duas formas de mover-se no mundo: a espontânea e a sistemática. Essas formas, no entanto, não estão isoladas (FREIRE, 2008). Como seres



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

holísticos, os sujeitos são atravessados tanto por saberes pragmáticos como por saberes complexos, e ambos constituem o contexto formador.

Se, porém, a opção da educadora é democrática e a distância entre seu discurso e sua prática vem sendo cada vez menor, vive, em sua cotidianidade escolar, que submete sempre à sua análise crítica, a difícil mas possível e prazerosa experiência de falar *aos* educandos e *com* eles. (FREIRE, 2008, p.87).

Neste sentido, a escola torna-se um espaço capaz de influenciar positivamente a sociedade como um todo, por meio da dialogicidade, da conscientização da opressão e da ação de libertar-se em comunhão.

Uma educação problematizadora para as mídias no contexto escolar ajuda os estudantes a reconhecer as diferentes informações veiculadas, verificar a procedência das fontes e as ideologias subjacentes. Deste modo, a recepção dos noticiários e conteúdos midiáticos será realizada por eles de forma mais racional e anti-hegemônica. Para Kellner (2001),

a obtenção de informações críticas sobre a mídia constitui uma fonte importante de aprendizado sobre o modo de conviver com esse ambiente cultural sedutor. Aprendendo como ler e criticar a mídia, resistindo à sua manipulação, os indivíduos poderão fortalecer-se em relação à mídia e a cultura dominantes (KELLNER, 2001, p.10).

Quando os sujeitos aprendem a perceber a forma como a cultura da mídia veicula representações opressivas de classe, raça, sexo, sexualidade, etc., que são influenciadoras de pensamentos e comportamentos, podem manter uma distância crítica em relação às obras da cultura da mídia e, assim, empoderarem-se sobre a cultura na qual vivem. Deste modo, “Tal aquisição de poder pode ajudar a promover um questionamento mais geral da organização da sociedade e ajudar a induzir os indivíduos a participarem de movimentos políticos radicais que lutem pela transformação social” (KELLNER, 2001, p.83).



A dialogicidade (FREIRE, 1983), então, requer um pensar verdadeiro, um pensar crítico. Que percebe a realidade não como algo estático, mas em constante devir. A dialogicidade é uma interessante vertente para a transformação mútua entre educador e educando. Assim, “Não há que considerar perdido o tempo do diálogo que, problematizando, critica e, criticando, insere o homem em sua realidade como verdadeiro sujeito da transformação” (FREIRE, 1983, p.33).

Desse modo, sempre haverá lugar de invenção, das “artes de fazer” (CERTEAU, 1998), em que o fraco e dominado se utilizando de procedimentos de resistência buscará a superação dos efeitos da colonialidade experienciada e inculcada na mente dos subalternizados. Colonialidade essa caracterizada por “despolitizar, fragmentar, gerar dependencia e exclusión, ser patriarcal, utilitarista y reduccionista, mecanicista y lineal, y se propone además como pensamiento único y verdadero” (CASTRO-LARA, 2016, p.109).

Santos (2018) afirma que numa época em que a ideologia neoliberal proclama o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado como a forma natural de viver, as zonas libertadas provam o contrário, mesmo que localmente. A emergência consiste na natureza performativa e prefigurativa da rebelião, ou seja, implica em viver experimentalmente o hoje, como se este já fosse o futuro desejado. “En pocas palabras, militar para hacer emerger unas otras racionalidades y saberes, política, econômica y culturalmente viables, pero decoloniales” (CASTRO-LARA, 2016, p 119).

Esta investigação se pauta numa concepção de educomunicação emergente para a formação de protagonistas críticos do seu desenvolvimento e, nesse sentido, buscou-se na pedagogia cultural (KELLNER, 2001) e na pedagogia do oprimido (FREIRE, 1998) proposições que possam nortear um processo civilizatório democrático e uma práxis educacional decolonial no contexto escolar.

2. Procedimentos metodológicos

Para atingir os objetivos propostos, utilizou-se de pesquisa descritiva, bem como de revisão bibliográfica e documental sobre os conceitos da pedagogia cultural



(KELLNER, 2001) e da pedagogia do oprimido (FREIRE, 1998). A implicação desta pesquisa incide em propor subsídios reflexivos/vieses de observação e práticos para construir pontes, oportunizando que os conhecimentos prévios dos estudantes encontrem meios de reverberar no ambiente escolar, com vistas à uma educação emancipatória. A escola ao reconhecer as imposições colonialistas poderá evitar que o aluno seja enredado por narrativas normativas, excludentes e reprodutivistas, apresentando em contrapartida, um projeto de sociedade decolonial. Este estudo tem como fonte de dados documentos de cunho científico. Foram utilizados autores como Freire (1983, 2008), Barbosa (1998), Fonseca (2002), Castro-Lara (2016), Kellner (2001), Pereira (2008), Santos (2018), Certeau (2004), Couldry e Mejias (2019), Villanueva (2018) e Johnson (2003).

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p.32).

4. Práticas educacionais emergentes

Mediante observações teóricas tecidas neste percurso de investigação, há que se reconhecer que uma educação emergente para a decolonialidade é imprescindível nos dias atuais. Identificar e valorizar as diferentes culturas que não somente a hegemônica, representa um passo importante para consolidar uma sociedade democrática e participativa.

Sendo assim, considera-se a pedagogia cultural (KELLNER, 2001) uma possibilidade de repensar a visão escolar das experiências efetivadas na escola, na qual há ainda forte ênfase num ensino tradicional e conteudista, ainda pouco engajado em abarcar as demandas das culturas emergentes. Faz-se necessário, então, a criação de



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

zonas de proximidade sempre que possíveis para a desaceleração dos processos de midiatização de cunho alienador e manipulativo, a fim de que seja inventada uma sociabilidade outra. Entre a conservação e a renovação, está o princípio ativo da transformação, que é o protagonismo das pessoas em relação, ou seja, em dialogicidade. O educador autoritário está impregnado de preconceitos de gênero, classe e raça e, por isso, só poderá ter uma postura dialógica, inclusiva e emancipadora após vencê-los, após superá-los. O “discurso progressista” do preconceituoso é falso se comparado à sua prática, assim como o cientificista que, entendendo a ciência como verdade última, desconsidera todo o conhecimento fora dela (FREIRE, 2008). Uma nova sociabilidade requer, portanto, um formato de leitura da realidade revolucionário, em que saberes são recriados na problematização e uma visão criativa de mundo instaurada.

Na educação, questões tanto identitárias quanto de gênero e classe, devem ter acolhimento na escola por todos os atores que nela convivem. Tendo em conta os inúmeros desmandos e atrocidades históricas vividas no cotidiano, continuar indiferente às dores dos subalternizados é uma decisão individual. Não permanecer colonizado, contudo, é uma escolha que se aprende a fazer em conjunto.

Para que isso se dê, Freire (2008) aponta que a dialeticidade deve ser vivida de forma plena na formação dos professores. Assim como não é possível formar uma educadora ou um educador a ensinar o aluno a traçar uma linha sem uma relação séria com a teoria, de igual modo, não se pode fazê-lo apenas com discursos teóricos, sem levar em conta a realidade concreta de ambos. O saber produzido pelos alunos em diferentes contextos precisa ser respeitado e a sua superação passa por essa condição “o discurso teórico, por mais correto que seja, não pode superpor-se ao saber gerado na prática de outro contexto”. (FREIRE, 2008, p.107).

Ademais, é imperioso que os educadores ponham em circulação práticas educacionais emergentes para a decolonialidade no cotidiano. Essas ações visam o despertar dos estudantes para uma leitura crítica da realidade em que vivem, por exemplo, por meio da leitura de jornais ou de revistas estabelecendo conexões com os fatos comentados, ocorrências, desgovernos, e a vida da escola. Para Freire (2008,



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

p.113), “Nenhum recurso que possa ajudar a reflexão sobre a prática, de que possa resultar sua melhora pela produção de mais conhecimento, pode ou deve ser posto de lado”.

Nas ciências da comunicação, há que se refletir que é possível uma epistemologia plural, em prol da valorização dos diversos saberes e pela intercomunicação das subjetividades.

Nota-se que, na interface educação e comunicação, o docente apoia-se no respeito a cada forma singular do estudante de se inserir na sociedade, ajudando-os a desenvolverem habilidades cada vez mais complexas exigidas para as subjetividades emergentes do século XXI. Uma participação social ativa, além da luta pela garantia de direitos civis referentes a gênero, raça e classe, prescinde que, de igual forma, sejam cumpridos pelos cidadãos os seus deveres de questionamento e reparação ante as injustiças sociais. É importante frisar que “a superação não se faz no ato de consumir ideias mas no ato de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação” (FREIRE, 1983, p. 119)

Uma práxis educacional, desse modo, visa a qualificar as experiências vivenciadas pelos estudantes, revolucionar a forma disciplinadora e mecânica em que são pautadas as práticas pedagógicas, favorecer a construção de uma aprendizagem colaborativa que potencializa o conhecimento já existente, incentivar a observação e o questionamento das informações que circulam na sociedade.

Compreendendo-se, assim, como produtores de conhecimentos e culturas, e como sujeitos capazes de intervir poderosamente no mundo em que vivem, deixarão de ser consumidores acríticos e reprodutores de informações, passando a partícipes fundamentais da mudança que já está em curso. A dimensão do indivíduo não deve ser preterida, porém a aprendizagem se efetiva no social. Para Freire (2008),

O processo de saber, que envolve o corpo consciente todo, sentimentos, emoções, memória, afetividade, mente curiosa de forma epistemológica, voltada ao objeto, envolve igualmente outros sujeitos cognoscentes, quer dizer, capazes de conhecer e curiosos também. Isto



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

significa simplesmente que a relação chamada cognoscitiva não se encerra na relação sujeito cognoscente - objeto cognoscível porque se estende a outros sujeitos cognoscentes. (FREIRE, 2008, p.122)

Mediante as inúmeras estratégias de colonialidade de corpos e mentes, urge que os processos organizados e de baixo para cima (JOHNSON, 2003) configurarem táticas (CERTEAU, 1998) criativas, conciliadoras, articuladas e insurgentes para transformação da realidade reafirmando, assim, a potência dos direitos e deveres cívicos individuais e coletivos que dão forma à liberdade humana.

Por fim, reitera-se que a pedagogia cultural (KELLNER, 2001) e a pedagogia do oprimido (FREIRE, 1998), assim como os outros aportes teóricos trabalhados nesta pesquisa, se apresentam como possibilidades para um repensar a função da interface educação e comunicação na escola. Favorecer o desenvolvimento dos estudantes no que respeita às suas singularidades e propiciar a ampliação máxima de suas capacidades humanas, implica na construção cotidiana de práticas educativas que tenham na agenda valores como autonomia, criticidade e diálogo permeando o processo.

É importante que seja garantido aos estudantes seu espaço de fala ativo dentro da comunidade escolar, de modo que estes se tornem cidadãos envolvidos em processos comunicacionais, midiáticos e pedagógicos que contestem as consequências do colonialismo e que lutem pela transformação social e pela democracia. “O desafio é [...] o resgate de uma educação da vida da pessoa do aluno, a qual poderíamos denominar *educação para formação de autores-cidadãos*” (BARBOSA, 1998, p.8, grifo do autor). Autor cidadão é, neste sentido, uma construção histórica, geográfica, social, psicanalítica, ecológica que exige “politização” não de uma dimensão do sujeito apenas como a econômica ou político-partidária, mas da vida em seus vários ângulos englobando sua forma de ser e de se expressar. (BARBOSA, 1998, p.8). Deste modo, poderá ser forjada uma qualidade de vida outra, superior ao consumismo e ao acúmulo de bens materiais tão amplamente disseminados e já tão desgastados da cultura moderna.



5. Considerações Finais

Os resultados decorrentes da análise do referencial teórico apontam que a pedagogia cultural proposta por Kellner (2001) e a pedagogia do oprimido apontada por Freire (1998), contribuem para reflexão e reorganização das práticas educomunicativas na medida em que indicam possibilidades de superação da tendência hegemônica. As práticas educomunicativas indicam possibilidades de superação da tendência hegemônica, sistema que pode ser representado conforme vê-se no esquema abaixo:

Figura 1 – Práticas Educomunicativas

Figure 1- Educommunicative Practices



Fonte: As autoras, 2023.

Uma educação para a decolonialidade, antes de produzir aquilo que é esperado pela sociedade (ou seja, reproduzir certos valores e paradigmas), potencializa a autonomia, a criticidade e a emancipação de educadores e estudantes. Busca alavancar e desenvolver artes de fazer que se contrapõe à opressão e apagamento de culturas consideradas subalternas e contribui efetivamente para a construção de cidadãos que resistam a processos de dominação e, na resistência, criem novos saberes, ressignifiquem as estruturas de poder e desenvolvam táticas que subvertam mecanismos de colonialidade do saber, do ser e do poder na sociedade vigente.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

No contexto atual, em que as disputas por referencialidades (antropologia, psicologia, sociologia, história, economia, mídia, etc.) são frequentes, os micro-saberes demarcam os territórios socioculturais e este controle/domínio atravessa barreiras e extravasa fronteiras, a exemplo do digital. Mediante a disputa vivenciada na cultura das mídias e as tentativas de captura das subjetividades e do simbólico por meio da reprodução de discursos reacionários, silenciamento do outro e da especificidade do fazer educativo pelo poder hegemônico, nota-se que os micro-saberes não são passíveis de sequestro, pois o substrato do saber inventivo é circular, transita em tempos e espaços dinâmicos e em constante mudança.

A virada de chave hermenêutica que se almeja com uma educomunicação decolonial, permite que se perceba a dimensão holística do sujeito, como dialogar com ele e fazê-lo olhar para além da bolha de autorreferencialidade, fruto das vivências cotidianas nas redes. Para isso, faz-se necessário potencializar os estudantes para que realizem leituras mais plurais da realidade complexa em que estão imersos, bem como ressignificar os processos disciplinares nos contextos educativos lançando luz sobre a necessidade de maior integração entre os diferentes campos do saber, as diferentes instituições sociais e os micro-saberes cotidianos.

A midiatização, novo campo de poder, deve ser compreendida para além de uma estrutura a capturar a vida a favor de alimentar o capitalismo por meio dos gigantes da tecnologia. Nessa forma de interatividade atual, em que as informações e os dados em si são o novo ouro, os indivíduos tornam-se cativos e, assim, presos em bolhas, sujeitam-se às representações da vida real e deixam de viver a essência libertadora que o conhecimento produz para si. Neste sentido, assumir a emergência de natureza performativa e ter domínio sobre as forças simbólicas é, substancialmente, atuar em comunidades de resistência, diagnosticando as emergências sociais para atuar politicamente junto delas.

A decolonialidade prevê elevar um olhar crítico que vá para além das relações formais da modernidade, pós-colonialidade e contemporaneidade, fazendo frente de oposição radical contra a hegemonia conceitual dominante. Decolonizar o cotidiano



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

escolar, compreendendo-o imerso numa sociedade complexa é tarefa urgente. Faz-se necessário, deste modo, promover projetos interdisciplinares mediados pela cultura, em conjunto com todos os agentes, atores e autores sociais a partir da integração universidade, sociedade e escola.

Referências

BARBOSA, Joaquim G. (Coord.) **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: UFSCAR, 1998.

CASTRO-LARA, Heloína. Reflexiones para decolonizar la cultura académica latinoamericana em comunicaión. In **Chasqui**: Revista latinoamericana de Comunicación, n. 131, abr-jul. 2016.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

COULDRY, Nick and MEJIAS, Ulisses. **The costs of connection**: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford Univ. Press, 2019. Part III. Reconnecting (Págs. 128-216)

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Universidade Estadual do Ceará. 2002.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não**. Rio de Janeiro: Olho d'água, 2008.

JOHNSON, Steven. **Emergência**: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

PEREIRA, Wellington. (2008). A Comunicação e a cultura no cotidiano. **Revista FAMECOS**, v.14, n. 32, 66–70. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2007.32.3416>. Acesso em: 23 abr. 2023.



Anais de Artigos
V Seminário Internacional de Pesquisas
em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2018.

VILLANUEVA, Eric R. Torrico. La comunicación decolonial, perspectiva in-surgente. In **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 15, n.28, 2018.